



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



CARTOGRAFIA GEOLOGICA

GEOLOGIA DA PORÇÃO LESTE DA FOLHA CEDRO (SB-24-Y-B-VI) REGIÃO SUL DO CEARÁ

Ádria Kanome Mori Soares¹; Francisco de Assis Matos de Abreu²

1Graduanda da Universidade Federal do Pará; 2Professor da Universidade Federal do Pará

A partir de dados secundários encontrados na literatura, relatórios e mapas em escalas variadas, principalmente aqueles realizados em estágios curriculares do Curso de Geologia, em escala de 1:25.000 (semidetalhe), acrescidos da adição de dados de fotointerpretação obtidos por meio do *software Arcgis 10.3* e da interpretação de produtos de aerolevantamentos existentes, foi possível a elaboração de mapa geológico da porção leste da Folha Cedro (SB-24-Y-B-VI) localizada no sul do estado do Ceará, na escala de 1:100.000, assim como a composição de uma nota explicativa para a área em questão. Durante a realização do trabalho, houve a descrição de amostras coletadas na área, em mapeamentos anteriores, de forma a melhor compreender, a partir de estudos petrográficos, o contexto geológico da região. A área de estudo é composta principalmente por rochas paleoproterozoicas e neoproterozoicas, com porções menores de rochas arqueanas e jurássicas, além de cobertura quaternária. São observadas estruturas dúcteis, preferencialmente orientadas na direção NE-SW, as quais compõem expressivos destaques na morfologia do terreno. Estas são cortadas por lineamentos de natureza rúptil cujos *trends* mais expressivos são NW-SE, N-S e E-W. Este trabalho foi realizado com o suporte técnico e operacional do Laboratório de Cartografia Geológica da Faculdade de Geologia da Universidade Federal do Pará – GEOCART.

PALAVRAS CHAVE: *CARTOGRAFIA GEOLÓGICA, INTEGRAÇÃO DE DADOS, FOLHA CEDRO.*



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



CARTOGRAFIA DO MAGMATISMO MESOZOICO DA PROVÍNCIA BORBOREMA, NE/BRASIL

Alanny Christiny Costa de Melo¹; David Lopes de Castro¹; Antomat Avelino de Macêdo Filho^{2,3}, Maria Helena Hollanda^{2,3}, Carlos José Archanjo³.

1 PPGG/UFRN; 2 PPGG/IGc/USP; 3 IGc/USP.

A porção setentrional da Província Borborema é reconhecida pelo evento magmático do Cretáceo, denominado Enxame de Diques Rio Ceará Mirim (EDCM). O EDCM corresponde a uma série de enxames de diques de diabásio de direção E-W, associados ao estágio inicial de rifteamento da Bacia Potiguar. Possui uma extensão de aproximadamente 350 km de comprimento e direção E-W. A partir do meridiano 39° W, os diques de diabásio mudam sua orientação para orientação NE-SW, definindo um padrão geométrico arqueado para todo o EDCM, cuja uma extensão longitudinal atinge cerca de 1000 km e lateral média de 100 km. Na Província Borborema também são reconhecidos outros dois sets de diques máficos, denominados enxame de diques Riacho do Cordeiro (EDRC), de aproximadamente 700 km de extensão, e Canindé (EDC), com cerca de 260 km. Este trabalho tem por objetivo promover uma cartografia geofísica regional do EDCM, com base em dados aeromagnéticos e levantamentos de campo, para propor modelos que expliquem as causas do magmatismo e sua evolução. Os dados aerolevantados foram cedidos pela CPRM, previamente corrigidos da variação diurna do campo geomagnético e removida sua componente principal (*Internacional Geomagnetic Reference Field* - IGRF). O Campo Magnético Anômalo foi obtido interpolando os dados magnéticos utilizando o Método Bi-direcional, com tamanho de células referentes a metade do espaçamento entre as linhas de voo. Em seguida, utilizamos o filtro de Redução ao Polo, visando centralizar a anomalia magnética sobre a sua fonte, utilizando os parâmetros de declinação e inclinação magnética para cada área levantada. Para a interpretação dos dados aeromagnéticos e a correlação com a geologia foram empregados filtros que realçam a assinatura magnética. Para isso aplicamos o *Matched Filter*, visando separar as anomalias magnéticas em diferentes bandas espectrais a fim de obter a geometria e a estimativa da profundidade das fontes das anomalias. Em seguida foi aplicado o filtro de Amplitude de Sinal Analítico para produzir um máximo sobre os contrastes magnéticos, destacando as bordas dos corpos magmáticos. O mapeamento dos diques foi realizado a partir da interpretação qualitativa dos mapas geofísicos, nos quais foram reconhecidos os lineamentos geofísicos correspondentes aos diques devido ao alto contraste de susceptibilidade entre os corpos ígneos e suas encaixantes. Os mapas obtidos a partir do processamento geofísico juntamente com o trabalho de campo permitiram delinear com maior precisão o EDCM. A cartografia dos diques máficos na província, sugere que EDCM e do EDC convergem para formar uma junção triplíce, com foco estaria situado na porção oeste da Bacia Potiguar, sugerindo que esse conjunto magmático seja oriundo de uma mesma grande província ígnea (*Large Igneous Province* - LIP). A média das profundidades das anomalias magnéticas calculadas pelo *Matched Filter* foram de 11,9 km para a faixa de longo comprimento de onda, de 3,0 km para a faixa intermediária 1, de 1,1 km para a faixa intermediária 2 e de 0,27 km para a faixa de curto comprimento de onda. A partir desses resultados pretende-se propor modelos que expliquem as causas profundas e a evolução do magmatismo mesozoico na Província Borborema.

PALAVRAS CHAVE: PROVÍNCIA BORBOREMA, DADOS AEROMAGNÉTICOS, EXAME DE DIQUES.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



CONTROLE TECTÔNICO DO GRUPO BAMBUI NA REGIÃO DE SÃO DESIDÉRIO-BA

Ana Valéria Alves Calmon Almeida¹; Elainy do Socorro Farias Martins^{1,2}; Marcelo Lima Pinto²; Joane Almeida da Conceição^{1,3}; Vitória Dourado Barbosa¹

1 Geologia/UFOB; 2 Pós Graduação em Geologia/UnB; 3 Pós Graduação em Geologia/UFBA

A área de estudo corresponde a folha São Desidério (SD-23-X-A-I-3-NO), localizada no município de São Desidério (BA), onde afloram duas unidades estratigráficas: Grupo Bambuí (Bacia do São Francisco) e Grupo Urucuia (Bacia Sanfranciscana). Nesta região, o Grupo Bambui, constituído pelas formações São Desidério e Serra da Mamona, foi separado em domínio cratônico, domínio pericratônico e domínio distal, separados com base na intensidade dos processos tectono/metamórficos que afetaram as referidas formações. Esta região, assim com grande parte da porção oeste da Bacia do São Francisco ainda é pouco estudada em relação as deformações tectônicas geradas no Proterozoico, sendo assim, este trabalho objetivou uma análise integrada a partir de dados estruturais coletados em campo, técnicas de geoprocessamento e levantamento bibliográfico, para o estudo dos controles tectônicos sobre a rede de drenagem e relevo da referida área. Para isto utilizou-se dados do sensor ASTER (*Advanced Spaceborne Thermal Emission and Reflection Radiometer*), a ferramenta *hydrology* do ArcGIS 10.4 e o Stereonet 9.8.3. Os dados referentes a rede de drenagem e as curvas de nível foram extraídos automaticamente a partir do modelo digital de elevação (MDE) do ASTER, e a partir destes foram interpretados, manualmente, os lineamentos de drenagem e relevo, em escala 1:50000. Os lineamentos foram inseridos no Steronet onde foi gerado um diagrama de roseta para a região analisada. Ainda a partir do ArcGis foram interpretados padrões de drenagem fluvial no Grupo Urucúia na porção central da carta, nas áreas mais altas, sendo observados padrões dendritico à sub-radiais. Já nas formações São Desidério e Serra da Mamona, pertencentes ao Grupo Bambuí, são observados padrões dendriticos, sub-dendriticos à radiais com escoamento preferencial para as áreas de direção NE-SW. Utilizando o diagrama de roseta, gerado anteriormente, observou-se que as maiores frequências dos lineamentos, de relevo e drenagem, possuíam as direções N50W, N50/60E e N10E. Ao relacionar essas medidas estruturais dos acamamentos das rochas observadas no campo e correlacioná-las com os dados obtidos através do Steronet, pôde-se perceber a coincidência com a direção N50/60E. E ainda, que as direções N50W estão relacionadas as fraturas, extraídos a partir do diagrama de roseta. Desse modo, concluiu-se que método utilizado para a extração e interpretação dos lineamentos de drenagem é uma forma eficaz para se identificar as estruturas tectônicas relacionadas, porque são elas que controlam a rede de drenagens.

PALAVRAS CHAVE: BACIA DO SÃO FRANCISCO, CONTROLE TECTÔNICO, LINAMENTOS DE DRENAGEM.



MAPEAMENTO DE PORÇÃO SUDOESTE DA BACIA DO RIO DO PEIXE, NE DO BRASIL: REGIÃO DO ALTO DE SANTA HELENA

Brennda Andrezza Viana de Mendonça^{1,3}; Emanuel Ferraz Jardim de Sá,^{2,3}
1UFRN; 2UFRN/PPGG; 3LGGP

A Bacia do Rio do Peixe (BRP) está inserida no conjunto de bacias sedimentares brasileiras originadas a partir do rifteamento que resultou na separação dos continentes Sul-Americano e Africano; no presente caso, parte do grupo das Bacias Interiores do Nordeste brasileiro. A área de estudo está localizada na porção sudoeste da BRP, no contexto de interseção dos *semi-grabens* de Sousa e Brejo das Freiras, os quais são alongados em direções diferentes (E-W e NE-SW, respectivamente), o que implica em características particulares para a área. A área mapeada compreende três compartimentos com características distintas. O compartimento norte corresponde à região da falha de borda do *Semi-graben* de Brejo das Freiras – uma rampa oblíqua normal sinistral. O compartimento central corresponde a uma rampa de revezamento que conecta os dois *semi-grabens*, sendo o mesmo designado de Degrau de Santa Helena. Finalmente, o compartimento Sul corresponde à borda oeste do *Semi-graben* de Sousa, incluindo a sua falha de borda, também normal sinistral, limitando uma rampa direcional. As camadas são delimitadas daquelas do Degrau de Santa Helena por uma falha normal com direção NE. São reconhecidas e caracterizadas quatro unidades no arcabouço estratigráfico da BRP. O Grupo Rio do Peixe, constituído pelas formações Antenor Navarro, Sousa e Rio Piranhas, de idade eocretácea, e a Formação Pilões, de idade eodevoniana, restrita à porção norte do *Semi-graben* de Sousa, sobreposta em discordância pela Formação Antenor Navarro. Foram identificadas relações de interdigitação entre as unidades do Grupo Rio do Peixe, nos três compartimentos que compõem a área. As estruturas mapeadas consistem em bandas de deformação, falhas e respectivas *slickenlines*, brechas e cataclasitos, e diques de arenitos. A expressividade de estruturas pré a sinlitificação (bandas de deformação) constituem uma característica diferenciada da Formação Rio Piranhas, depositada com forte condicionamento estrutural o que é também evidenciado pelas fácies de conglomerados e brechas sedimentares. Com base nesses critérios, associados à análise de paleocorrentes e dados de poço, a área de ocorrência dessa formação, no Degrau de Santa Helena, foi consideravelmente ampliada. A análise dos dados de falhas, bandas e *slickenlines* confirmam a cinemática vigente durante o Eocretáceo, quando a BRP foi formada em regime de distensão NW-SE, gerando o rejeito oblíquo nas falhas controladas pela anisotropia do Lineamento Patos.

PALAVRAS CHAVE: BACIA DO RIO DO PEIXE, GRUPO RIO DO PEIXE, DEGRAU DE SANTA HELENA, DEFORMAÇÃO DISTENSIONAL EOCRETÁCEA.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



GEOLOGIA DA REGIÃO LESTE DA PROVÍNCIA BORBOREMA: TERRENOS RIO CAPIBARIBE E PERNAMBUCO-ALAGOAS.

*Carlos Alberto dos Santos¹; Maria de Fátima Lyra de Brito¹; Priscila Resende Fernandes¹;
Caio dos Santos Pereira¹, Milena Rocha de Aquino¹*

1 SGB-CPRM/Superintendência Regional de Recife

A área estudada distribui-se na região Leste da Província Borborema e abrange parte da Zona Transversal - ZT (70%), composta pelos Terrenos Rio Capibaribe (TRC) e Alto Moxotó (TAM-3%), e parte do Domínio Pernambuco-Alagoas (TPA-30%). Neste trabalho desenvolvido pela CPRM-Serviço Geológico do Brasil-SUREG/Recife, são disponibilizados os resultados obtidos da aquisição de novos dados e da re-interpretação de dados pré-existentes nas folhas Surubim, Limoeiro, Caruaru e Vitória de Santo Antão, e é apresentado o mapa de integração geológica-geofísica da área, na escala 1:250.000. Na região estudada foram cartografadas várias unidades geológicas compreendendo uma sequência basal paleoproterozoica formada predominantemente por ortognaisses bandados e hornblenda biotita gnaisses, migmatitos e ortognaisses graníticos e metanortositos (tardi-paleoproterozoicas a cedo-mesoproterozoicas); Sequências supracrustais atribuídas aos complexos Sertânia (no extremo noroeste da folha Surubim de idade paleoproterozoica, inserido no TAM) e Vertentes (unidade metavulcanossedimentar de idade paleoproterozoica, do TRC); um ortogneisse granítico anorogênico de idade mesoproterozoica, pertinente ao TRC; e uma supracrustal posicionada no final do mesoproterozoico, ainda sem datação, pertencente ao TPA. Do neoproterozoico, no TPA, embasando os ortognaisses Agrestina e Altinho, respectivamente, cedo-toniano e cedo-criogeniano, e todos os granitoides ediacaranos, ocorre o Complexo Belém de São Francisco que, embora ainda não tenha sido datado nessa região, noutras, como encaixante do granito Buique, revelou idade modelo de 1.4 Ma, portanto, por correlação, foi aqui considerado como toniano. De idade toniana no TAM ocorre o Ortogneisse Pinhões, que culmina sua evolução crustal com os granitoides sin a tardi-orogênico tipo Conceição e Itaporanga. No TRC, posicionado no criogeniano, ocorre a sequência supracrustal (Surubim-Carolina) essencialmente metassedimentar de associação petrogenética tipo QPC (quartzito, pelito e carbonato) com idade em zircão detrítico de 642Ma. Esta sequência encaixa a Suite Intrusiva de Vicência, a qual é interpretada como posicionada entre o final do criogeniano e o início do ediacarano, por ocorrer intrusiva no Complexo Surubim-Carolina e ocorrer como enclave na Suite Intrusiva Terra Nova, cuja idade em zircão é de 590Ma. A Suite Intrusiva Feira Nova possui uma idade modelo de 1,14Ma, e é interpretada como intrusiva no Complexo Surubim-Carolina, sugerindo um posicionamento entre o criogeniano e o ediacarano. No ediacarano são posicionados os granitoides sin a tardi-orogênicos e tardi a pós-orogênicos. Culminado essa evolução crustal no cambriano por conta de uma tectônica distensiva ocorrem diques máficos e félsicos. Finalizando o empilhamento estratigráfico da área, fazendo parte do *rift* do Cabo, ocorrem os sedimentos cretácicos do Grupo Pernambuco.

PALAVRAS CHAVE: TIPO QPC, TERRENO RIO CAPIBARIBE, TERRENO PERNAMBUCO-ALAGOAS.



ASPECTOS ESTRATIGRÁFICOS E ESTRUTURAIS DE UMA SEÇÃO DA PORÇÃO NORTE DA JANELA EROSIVA DO RIO ARROJADO, SEGMENTO CENTRAL DA JANELA EROSIVA CORRENTINA- CORIBE, BAHIA

Cáio Silva dos Santos¹; Jales Coelho Nepomoceno Júnior¹; Jordhan Pimentel Carvalho¹; Thiago Winícios Alves Araújo¹; Vitor Araújo Alves¹; João Paulo Gama¹; Mary Anne Torres Garcia¹; Joane Almeida da Conceição^{1,2}.

1Geologia-UFOB; 2Pós-Graduação em Geologia/UFBA.

Em meio as extensas unidades sedimentares da bacia do São Francisco que recobrem o Oeste da Bahia, aflora o embasamento do setor setentrional do Cráton São Francisco em uma porção denominada Janela Erosiva Correntina-Coribe. O contexto litoestratigráfico da área é representado por migmatitos metatexíticos do Complexo Gnáissico-Migmatítico Correntina de idade arqueana; clorita xistos, quartzitos e metarenitos relacionados à sequência metavulcanossedimentar Formação Extrema; pela Suíte Intrusiva Correntina de afinidade cálcio-alcálica, que corta as unidades supracitadas, representada por quartzo monzodiorito, quartzo monzonito, monzogranito, quartzo sienito, sienogranito e álcali-feldspato granito. Em contato discordante e erosivo, sobrepostas a estas unidades, tem-se algumas exposições de metassiltitos e metargilitos neoproterozoicos da Formação Sete Lagoas do Grupo Bambuí e no topo, as coberturas elúvio, colúvio e aluvionares cenozoicas relacionadas principalmente à alteração do Grupo Urucuia. A área de estudo possui uma complexa evolução estrutural marcada por uma série de superposições de fases que remetem a, pelo menos, dois eventos termo-tectônicos ocorridos no Pré-cambriano. Os dados estruturais puderam ser classificados nos regimes: dúctil, dúctil/rúptil e rúptil. As estruturas relacionadas ao regime dúctil nos migmatitos metatexíticos do Complexo Gnáissico-Migmatítico Correntina são representadas por uma foliação do tipo bandamento composicional NE-SW em maior proporção, em seguida N-S e em menor proporção NW-SE, todas com mergulhos de alto ângulo. Também ocorrem nestes migmatitos, dobras verticais ptigmáticas e dobras intrafoliais. O regime dúctil na Formação Extrema é marcado por uma foliação do tipo xistosidade de direção NE-SW com mergulhos de alto ângulo que variam entre NW e SE, o que indica uma possível dobra com vergência para NW que estrutura esta unidade. Na Suíte Intrusiva Correntina são observadas foliações no quartzo monzodiorito, monzonito, quartzo monzonito e no monzogranito de direções SW-NE marcada por alinhamento dos cristais de biotita, plagioclásio e quartzo. O Grupo Bambuí, apresenta-se com acamamento levemente inclinado, o que indica dobramentos suaves e abertos. Estruturas relacionadas ao regime dúctil/rúptil são observadas no Complexo Gnáissico-Migmatítico Correntina representadas por zonas de cisalhamentos verticais paralelas à foliação NE-SW de cinemática dextral e nos monzogranitos da Suíte Intrusiva Correntina. No regime rúptil ocorrem fraturas de forma aleatória, no entanto ocorre um *trend* predominante NW-SE e WNW-ESE coincidente com a maioria dos veios e diques que intrudem o Complexo Gnáissico-Migmatítico Correntina. Os veios que cortam a Suíte Intrusiva Correntina encontram-se aproximadamente paralelos às fraturas NE-SW. As primeiras fases de deformação estariam relacionadas à evolução da tectônica paleoproterozoica (Riáciano/Orosiriano) na colagem dos blocos arqueanos que formam o Cráton São Francisco, observadas no Complexo Gnáissico-Migmatítico Correntina, na Formação Extrema e na colocação da Suíte Intrusiva Correntina. E uma última fase correlacionada ao evento Brasiliano que estruturou as faixas móveis neoproterozoicas que bordejam o Cráton São Francisco, visualizada nos amplos e suaves dobramentos do Grupo Bambuí.

PALAVRAS CHAVE: COMPLEXO CORRENTINA, SUÍTE INTRUSIVA CORRENTINA, SEQUÊNCIA METAVULCANOSSEDIMENTAR FORMAÇÃO EXTREMA.



MAPEAMENTO GEOLÓGICO E ANÁLISE ESTRUTURAL DO COMPLEXO GNAISSE-MIGMATÍTICO CORRENTINA, JANELA EROSIVA CORRENTINA-CORIBE, OESTE DA BAHIA

Cáio Silva dos Santos¹; Vitor Araújo Alves¹; Thiago Winícios Alves Araújo¹; Jales Coelho Nepomoceno Júnior¹; Jordhan Pimentel Carvalho¹; João Paulo Alves Gama¹; Joane Almeida da Conceição^{1,2}; Mary Anne Torres Garcia¹.

1 Geologia/UFOB; 2 Pós-Graduação em Geologia/UFBA.

Este trabalho é uma síntese do Complexo Gnaiss-Migmatítico Correntina um dos componentes da chamada “Janela Erosiva Correntina-Coribe”, que está segmentada em três porções: Norte (Correntina), Central (Rio Arrojado) e sul (Jaborandi/Coribe), aflorando no oeste da Bahia, expondo rochas do embasamento do setor setentrional do Cráton São Francisco. O Complexo Gnaiss-Migmatítico Correntina é constituído por rochas ortoderivadas de caráter *tonalito*, *trondhjemito* e *granodiorito* (TTG's), deformadas e metamorfisadas na tectônica paleoproterozoica. Na porção central da janela erosiva, os metatexitos e diatexitos do complexo afloram, principalmente na região do vale do Rio Arrojado, fazendo contato, de caráter intrusivo, com a Suíte Intrusiva Correntina e contato discordante erosivo com as rochas do Grupo Bambuí, Formação Sete Lagoas, nas fácies 1 e 2. A campanha de campo auxiliou no desenvolvimento deste trabalho, uma vez que foi possível coletar amostras e dados estruturais dessa porção da janela erosiva, e remontar a provável evolução geotectônica da área. Nas porções onde os processos de migmatização ocorreram de modo incipiente, a análise estrutural das rochas do Complexo Gnaiss-Migmatítico Correntina revelou pelo menos três fases deformacionais compressionais de caráter dúctil: D_{n-1} , D_n e D_{n+1} . As estruturas impressas na fase D_{n-1} é condicionada pelo bandamento gnáissico e pela xistosidade, são registro dessa fase dobras intrafoliais isoclinais e dobra intrafoliais sem raiz interna a foliação da fase D_n . A fase D_n foi responsável por gerar estruturas como dobras isoclinais, sub-horizontais e intrafoliais, estiramento mineral, *boudins* assimétricos e pela geração de uma foliação S_n , com direção preferencial NNW-SSE e mergulho variando de 60° a 80°. A lineação de estiramento (L_{xn}) é marcada pela orientação preferencial de quartzo e feldspatos nos migmatitos e de anfibólios nos enclaves máficos. A fase D_{n+1} compreende zonas de cisalhamento dúctil-rúpteis verticais paralelas à foliação NW-SE de cinemática aparente dextral. Nessas zonas há o desenvolvimento de uma foliação milonítica e de um bandamento gnáissico (S_n/S_{n+1}). Esse conjunto de estruturas refletem um campo de tensão preferencial com sigma 1 orientado segundo NE-SW e sigma 3 orientado segundo NW-SE, ambos subhorizontais. De forma preliminar, pode-se inferir para o Complexo Gnaiss-Migmatítico Correntina, a presença de dois eventos metamórficos/deformacionais. O primeiro, de idade arqueana, está relacionado com as fases D_{n-1} e atingiu condições de fácies granulito e o segundo, de idade Paleoproterozoica, está relacionado as fases D_n e D_{n+1} e atingiram fácies anfíbolito médio. Para tanto, a janela erosiva Correntina-Coribe carece de novas pesquisas tanto no âmbito estrutural como geoquímico no intuito de atestar a presença dos processos geotectônicos marcantes.

PALAVRAS-CHAVE: COMPLEXO GNAISSE-MIGMATÍTICO CORRENTINA, ESTRUTURAL, OESTE DA BAHIA.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



MAPEAMENTO GEOLÓGICO DE UMA ÁREA DO SETOR SUL DO ESTADO DE SERGIPE: TRANSIÇÃO ENTRE O CRÁTON SÃO FRANCISCO E O SISTEMA OROGÊNICO SERGIPANO

Danilo dos Santos Barreto¹; Erik Santos Souza¹; Fábio dos Santos Pereira²; Herbert José Cruz Resende¹; José Wellington Silva Cruz¹; Marcel Vinícius Santos Leandro¹; Joaquim Daniel de Liz¹; Cristine Lenz¹
1DGEOL/UFS; 2PGAB/UFS.

Neste trabalho realizou-se o mapeamento geológico (1:20.000) de uma área com 18 km² na zona de transição entre o Cráton São Francisco e o Sistema Orogênico Sergipano, na porção sul do estado de Sergipe. Este trabalho foi desenvolvido pelos alunos do curso de Geologia da Universidade Federal de Sergipe com a finalidade de obter uma análise mais detalhada das unidades geológicas e feições estruturais da região estudada, de modo a contribuir para o conhecimento geológico local. Os trabalhos de campo permitiram individualizar seis unidades geológicas: gnaisses monzograníticos, anfibolitos, granitos sin-tectônicos, diques e sequência supracrustal. Em amostras de mão, os gnaisses apresentam cor cinza a marrom, granulação média, estrutura anisotrópica e texturas granoblástica e xenoblástica. A mineralogia essencial é constituída por plagioclásio, feldspato alcalino, quartzo, biotita e anfibólio. Os anfibolitos correm de forma subordinada na região, limitando-se a pequenos corpos (~10 m) encaixados nos gnaisses. Essas rochas possuem cor preta e exibem foliação concordante com a das rochas hospedeiras. A granulação varia de fina a muito fina e a composição mineralógica restringe-se a anfibólio e plagioclásio. Os granitos sin-tectônicos possuem composição monzogranítica a sienogranítica e ocorrem apenas levemente foliados, preservando suas características ígneas. São rochas leucocráticas de cor cinza a rosa, com textura equigranular a localmente porfírica, caracterizada pela presença de fenocristais de plagioclásio com até 2 cm. Os diques ocorrem amplamente distribuídos por toda a área de estudo, intrudindo gnaisses e metagranitos. Esses corpos possuem direções que variam de N300°, no setor sudeste da área, até N270°, no setor noroeste. Suas espessuras variam entre 0,8 e 50 m. Composicionalmente, riolitos são os termos predominantes e andesitos ocorrem apenas de forma subordinada. Essas rochas possuem coloração cinza-clara a preta, são isotrópicas, hipocristalinas, hipidiomórficas e exibem textura porfírica, definida pela presença de pórfiros de feldspato alcalino e/ou plagioclásio, imersos em uma matriz afanítica, cinzenta e fortemente magnética. Os riolitos apresentam mineralogia constituída por feldspato alcalino, plagioclásio e quartzo, enquanto nos andesitos são identificados apenas plagioclásio e, por vezes, feldspato alcalino. A sequência supracrustal compreende metaconglomerados polimíticos, metarenitos arcoseanos e metassiltitos laminados, que recobrem parcialmente os gnaisses, granitos e diques da área de estudo.

PALAVRAS CHAVE: MAPEAMENTO GEOLÓGICO, SERGIPE.



ZONAS POTENCIAIS DE TERRAS RARAS NO DOMÍNIO RIO PIRANHAS-SERIDÓ, PROVÍNCIA BORBOREMA, NE DO BRASIL

Dinarte Lucas da Silva Junior¹; Alexandre Magno Rocha da Rocha²;

¹ UFRN/IFRN; ² IFRN.

A área de estudo abrange os municípios de Jucurutu, Triunfo Potiguar e Paraú, no Rio Grande do Norte, nos quais, através de técnicas de geoprocessamento, foi possível definir zonas anômalas em elementos terras-raras (ETR). Utilizando-se de dados geoquímicos, geofísicos e geológicos disponibilizados pela CPRM fez-se possível a delimitação de zonas potenciais à descoberta de elementos de terras-raras. Os dados de sedimento de corrente dos elementos lantânio (La), ítrio (Y) e nióbio (Nb) foram filtrados e interpolados a fim de verificar-se as zonas com maiores teores dos elementos supracitados. Adiante, realizou-se o processamento dos dados aerogamaespectrométricos visando realçar locais com teores mais elevados nos canais do tório (Th), urânio (U) e da razão tório/potássio (Th/K). Por fim, integrou-se o mapa geológico, no qual foram atribuídos pesos de 1 a 5 de acordo a tendência de cada litologia em associar-se com ETRs. Foi definido peso 3 para a Suíte Intrusiva Itaporanga, por exemplo, a qual é conhecidamente composta por granitos calcialcalinos de alto K. Após a integração dos mapas acima citados foi gerado um único mapa de indicando as zonas com maior potencial de ETR. Assim, fez-se possível delimitar três zonas com teores. Na Zona de Interesse 1, situada no município de Jucurutu, em granitos de afinidade calcialcalina de alto K do complexo Itaporanga, foram encontrados teores que chegam aos 1600 ppm do elemento lantânio, aos 2600 ppm de ítrio e 500 ppm de nióbio. Enquanto isso, os mapas geofísicos de tório e urânio, também apresentaram anomalias bastante representativas, destacando-se o primeiro por seus valores mais elevados. Com a projeção das drenagens é possível notar que os pontos geoquimicamente anômalos provem de locais onde encontra-se uma alta anomalia geofísica. Na Zona de Interesse 2, localizada em Paraú, encontram-se rochas da Formação Jucurutu, as quais apresentaram teores elevados de Th. Nota-se que tal anomalia situa-se na zona de charneira de uma macrodobra a qual pôde ser visualizada através dos mapas geofísicos. Já na Zona de Interesse 3, localizada no município de Triunfo Potiguar, situa-se na Formação Serra dos Martins, a qual é bibliograficamente descrita também por apresentar formações lateríticas. Ao analisar o mapa geofísico da razão Th/K observa-se uma grande anomalia sobre esse contexto geológico, indicando um possível enriquecimento Th, característica bastante comum em depósitos supergênicos de monazita, um mineral-minério de terras-raras fonte de tório. Esse conjunto de evidências obtidas permitem indicar que existem regiões no estado com anomalias significativas de ETR, sendo necessário, porém, um estudo mais aprofundado a fim de delimitar a existência de depósitos.

PALAVRAS CHAVE: TERRAS-RARAS; GEOPROCESSAMENTO; DEPÓSITOS MINERAIS.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



NOVA CARTOGRAFIA GEOLÓGICA DO *GREENSTONE BELT* RIO SALITRE, BLOCO GAVIÃO NORTE, BAHIA, BRASIL.

Eron Pires Macêdo^{1,2}; Herman Santos Cathalá Loureiro¹.
1CPRM/SUREG-BA; 2NGB/IGEO/UFBA

Este resumo trata dos trabalhos finais desenvolvidos, em apoio ao programa Áreas de Relevante Interesse Mineral (ARIM) Remanso-Sobradinho, da Diretoria de Geologia e Mineração (DGM), no âmbito de integração dos dados geológico-geofísicos e metalogenéticos, obtidos do mapeamento em escala 1/50.000 da sequência tipo *Greenstone Belt* Rio Salitre (GBRS). Na região do baixo vale do rio Salitre, a sudoeste da cidade de Juazeiro, ao norte do estado da Bahia, inserido no Bloco Gavião Norte (do segmento Cráton do São Francisco), posiciona-se uma sequência denominada de *Greenstone Belt* Rio Salitre, embasada a oeste no terreno metaplutônico arqueano, gnaissificado e por vezes migmatizado, de composição tonalítica/granodiorítica/granítica, com frequentes enclaves de rochas anfibolitizadas e supracrustais diversas (Complexo Sobradinho-Remanso) e, a leste e a sul, recoberto discordantemente pelos calcários microcristalinos neoproterozoicos da Unidade Gabriel (Grupo Una), calcário quaternário da Formação Caatinga, além de permeações por manifestações graníticas. O GBRS é formado por uma sequência metavulcanossedimentar (Sequência Inferior) e outra metassedimentar (Sequência Superior). A Sequência Inferior é constituída por agregação predominantemente de metavulcânica máfica (hornblenda anfibolito) e metaultramáfica (tremolitito e tremolita-actinolita-xisto), com texturas *spinifex*, com participação diminuta de metassedimentos clásticos e químicos exalativos (quartzitos, localmente piritosos, com litofácies de tremolita quartzito, quartzito branco e quartzito feldspático), sobrepostos por outro nível de metavulcânica máfica e metaultramáfica, que evoluem lateral e verticalmente para uma associação de metamáfica (clorita-hornblenda anfibolito) e metaultramáfica (tremolitito), contendo intercalações de metavulcanoclásticas (*lapilli* tufo a conglomerado/brecha porfiroclástico) e de metavulcânicas félsicas (riolito e dacito andesítico). Esta sequência Inferior culmina num horizonte descontínuo de metassedimentos químicos e químico-pelíticos, constituída por *metachert* cinza-escuro a negro, piritoso, associado a jaspilito, rocha calcissilicática e filito grafitoso. A Sequência Superior (natureza metassedimentar) assenta concordantemente sobre o pacote inferior, e é formada por sedimentos de natureza turbidítica, metapelito com alternância subordinada de metapsamito, com estruturas sedimentares preservadas, tais como acamamento gradacional, estratificações plano-paralela e cruzada (filito com sem magnetita, xisto, metassiltito, metagrauvaca e metarcósio), que são justapostos por lentes de quartzito e metacarbonato dolomítico. Tanto a Sequência Inferior como a Sequência Superior do GBRS são truncadas por diques de diabásio, veios graníticos pegmatíticos e aplitos graníticos de espessuras variáveis desde milimétricas a centimétricas. As rochas do GBRS foram estão preferencialmente estruturadas segundo a direção N-S, apresentando-se na borda oeste, inclinadas para leste sob a forma de um sinclinal ou sinforme invertido com caimento para sul, com mergulho médio em torno de 60° a 65° e, na borda leste, na forma de dobramentos suaves e simétricos, com charneiras arredondadas, cilíndricas, isoclinais e com L_b variando entre N185 e N200, perfazendo anticlinais ou antifformes e sinclinais ou sinformes normais com caimento para sul. Nota-se ainda a presença frequente de veios de quartzo, colocados subparalelamente, à orientação referida estrutura. A associação vulcanossedimentar máfica basal da GBRS é de filiação *toleítica*, compatível com ambiente de fundo oceânico, provavelmente transicional do tipo bacia *back-arc*. Por outro lado, intercaladas nesses metabasitos *toleíticos* ocorrem rochas com quimismo e texturas do tipo *komatiítico*, denunciado principalmente por valores elevados de MgO, Cr e Ni.

PALAVRAS CHAVE: *GREENSTONE BELT* RIO SALITRE; *BACIA BACK-ARC*;
QUIMISMO KOMATIÍTICO.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



MAPEAMENTO GEOLÓGICO DA PLANÍCIE DO DELTA DO PARNAÍBA-PI¹

Gustavo Souza Valladares²; Léya Jéssyka Rodrigues Silva Cabral²

1Financiado pelo CNPq 443176/2014-0; 2CCHL/UFPI.

A geologia da planície do delta do Parnaíba é definida em depósitos arenosos de quartzo e argilo-siltosos recentes, resultantes do recuo do mar em épocas pretéritas. O trabalho objetivou realizar um mapeamento geológico, na escala 1:100.000, da planície do delta do Parnaíba, situada entre os rios Parnaíba e Igaraçu no estado do Piauí. A metodologia do trabalho partiu da análise de imagens de satélite RAPIDEYE, mapas geológicos em escalas menores, folhas topográficas e checagens de campo. Para a construção do mapa geológico foi utilizado Sistema de Informações Geográficas (SIG). Foram identificadas seis unidades de mapeamento: Depósitos Litorâneos de Praias Recentes – Q2lp, formadas por areias finas e grossas; Depósitos Eólicos Litorâneos – Q2e, formado por areias de granulometria variável; Depósitos Eólicos Litorâneos – Qe, formado por areias finas e médias; Depósito de Pântanos e Mangues – Qpm, formados por sedimentos argilo-siltosos e turfas; Depósito Aluvionares – Qa, formados por sedimentos argilosos, arenosos e siltosos, e ainda por turfas; e Paleodunas – Qd, formadas por areais de granulometria variável. Com o mapeamento realizado pode-se fazer inferência a tipos de solos, feições do relevo, vegetação nativa e orientar o planejamento ambiental da área de estudo.

PALAVRAS CHAVE: QUATERNÁRIO, LITORAL DO PIAUÍ, CARTOGRAFIA.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



GEOPROCESSAMENTO COMO FORMA DE DETERMINAR OS SETS DE FALHAS NA PORÇÃO OESTE DO MUNICÍPIO DE PAULISTANA-PI

Jairo Rodrigues de Souza¹; Josilândia dos Santos Carvalho¹; Mariana Sousa da Paixão¹; Alan Kellnon Nóbrega de Carvalho¹.

1IFPI

As geotecnologias são ferramentas utilizadas para coleta, processamento e análises de dados geográficos. Atualmente, no campo da geologia, o geoprocessamento é utilizado também para analisar sets de falhas em escala local e regional através da combinação de imagens de satélite topográficas com as multiespectrais. Assim, esse trabalho tem como objetivo geral determinar os sets de falhas numa área inserida na porção oeste do município de Paulistana-PI através do geoprocessamento. Para alcançar o objetivo proposto, os procedimentos metodológicos foram subdivididos em quatro etapas: A primeira referiu-se ao levantamento bibliográfico e cartográfico sobre o arcabouço estrutural da região tanto em escala local e regional donde está localizado o município de Paulistana-PI além das formas de fazer o processamento digital de imagens na determinação de estruturas geológicas. A segunda etapa consistiu em fazer o *download* de imagens topográficas do tipo Aster GDEM e Landsat 8 diretamente nos sítios eletrônicos do Topodata e USGS, respectivamente, de forma gratuita. Na terceira etapa, houve o processamento das imagens no *software* ArcGis 10.1. Na imagem Aster GDEM, utilizou-se a ferramenta *hillshade* para definir o relevo e as principais feições estruturais como fraturas, lineamentos ou falhas. Já para a imagem Landsat 8, fez a combinação de bandas espectrais 7R5G3B, indicando e comprovando aquelas estruturas pouco perceptíveis na imagem topográfica. Na última fase, fez-se o mapa do arcabouço estrutural em escala de 1:10.000 resultante da integração dos *shapefiles* provenientes da etapa da etapa anterior. Como resultados dessa atividade, na área mapeada, foram encontradas, praticamente, três direções predominantes das falhas: O-E, NW-SE e NE-SW. Portanto, a utilização do geoprocessamento aliado ao processamento digital de imagens se mostrou satisfatória, uma vez que indicou com nitidez os sets de falhas na região mapeada.

PALAVRAS CHAVE: *Geoprocessamento, Sets de falhas, Paulistana-PI*



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



MAPEAMENTO LITOESTRUTURAL DA PORÇÃO OESTE DO MUNICÍPIO DE PAULISTANA - PI

*Jairo Rodrigues de Souza¹; Josilândia dos Santos Carvalho¹; Mariana Sousa da Paixão¹;
Alan Kellnon Carvalho de Nóbrega¹.*

1IFPI.

O município de Paulistana-PI, situado na meso e microrregião Sudeste Piauiense e Alto Médio Canindé, respectivamente, é constituído por rochas do embasamento cristalino de idade pré-cambriana. Elas são representadas por pegmatitos, micaxisto, paragnaisse e quartzito as quais, devido às condições de temperatura e pressão, encontram-se dobradas ou estiradas, indicando movimentos tectônicos deformacionais distintos e originando caimento das foliações. Assim, este trabalho teve como finalidade mapear as unidades litoestruturais de uma área localizada na porção oeste do município de Paulistana-PI, salientando o nome das rochas e a direção e mergulho das foliações dominantes. Os procedimentos metodológicos foram repartidos em três etapas. A primeira referiu-se à pesquisa bibliográfica e cartográfica sobre a geologia local e regional donde está inserido o município de Paulistana-PI além da confecção de mapas temáticos prévios, indicando as drenagens, geomorfologia, vias de acesso e zonas homólogas. A segunda fase consistiu nas visitas técnicas. Ao todo, foram feitas 10 viagens de campo, realizando ensaios fotográficos, estudos petrográficos e retirada de parâmetros de bússola do tipo Brunton (direção e mergulho das camadas ou foliações litológicas). Por último, o terceiro passo dissimulou a elaboração do mapa geológico final em escala de 1:10.000, indicando as regiões de contato e de predominância de litologias, estruturas bem como os perfis de dois cortes. Como resultados dessa atividade, na área mapeada, foram constatados cinquenta afloramentos de rochas metassedimentares, dos quais a maioria é de micaxisto, e dez de granitoides do tipo pegmatito. Já em termos de atitude das foliações do micaxisto, a média foi de 240Az/40°NW e 278Az/35°NE. Já a do quartzito foi 255Az/25NW. Esses valores das atitudes, portanto, revelam que os micaxistos formam os flancos, sugerindo que o ambiente geológico foi gerado devido a uma compressão.

PALAVRAS CHAVE: ROCHAS METASSEDIMENTARES, MAPEAMENTO LITOESTRUTURAL, PAULISTANA-PI.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



INTERPRETAÇÃO ESTRUTURAL DOS LINEAMENTOS DE DRENAGENS DA BACIA DO SÃO FRANCISCO NA FOLHA BOA VISTA (SD23-X-A-I-3-SO)

Júlio Alves da Silva Neto¹; Elainy do Socorro Farias Martins^{1,2}; Marcelo Lima Pinto²; Joane Almeida da Conceição^{1,3}, Katyany Castro de Oliveira¹

1UFOB; 2 Pós graduação em Geologia/UnB; 3 Pós Graduação em Geologia/UFBA

A área de estudo é compreendida pela folha Boa Vista (SD-23-X-A-I-3-SO), que está localizada a sul da cidade São Desidério (BA), e geologicamente está inserida no contexto geotectônico do Cráton São Francisco. Nesta região afloram rochas das bacias sedimentares do São Francisco e Sanfranciscana, sendo estas importantes por serem rochas que podem guardar estruturas e outras informações geotectônicas desde o neoproterozoico. Esta região, assim com grande parte da porção oeste da Bacia do São Francisco ainda é pouco estudada em relação as deformações tectônicas geradas durante os eventos orogenéticos proterozoicos, sendo assim, este trabalho propôs uma análise integrada de informações das estruturas geológicas obtidas com técnicas de geoprocessamento, dados estruturais coletados em campo e levantamentos bibliográficos, objetivando uma interpretação dos controles tectônicos e estruturais sobre a rede de drenagem e relevo da referida área. Para isto utilizou-se dados do sensor ASTER (*Advanced Spaceborne Thermal Emission and Reflection Radiometer*) para gerar um modelo digital de elevação (MDE), a ferramenta *hydrology* do ArcGIS 10.4 e dados estruturais coletados em campo. Os dados referentes a rede de drenagem foram extraídos automaticamente a partir do MDE, e a partir destes foram interpretados os lineamentos de drenagem e relevo, em escala 1:25000. Os lineamentos foram inseridos no Steronet 9.8 onde foi gerado um diagrama de roseta para a região analisada. A partir da análise da rede de drenagem verificou-se que o padrão dendrítico correspondente a área de ocorrência do Grupo Urucuia, e na área de exposição da Formação São Desidério, predomina o padrão retangular e angular, que podem refletir controle tectônico por lineamentos bidirecionais e multidirecionais, além do relevo carstico; na extremidade sul da folha, predomina o padrão de drenagem ortogonal, que pode indicar um forte controle estrutural. De acordo com o diagrama de roseta as direções de lineamentos de drenagem e relevo predominantes na área são: N10E, N50E, N50W e E-W. Ao integrar as informações de direções exibidas no diagrama de rosetas, com medidas estruturais dos acamamentos das rochas obtidas em campo da Formação São Desidério, foi notável a coincidência da direção N50E, predominando na área. Integrando também as direções do diagrama de rosetas com as direções de fraturas obtidas em campo, notou-se a coincidência da direção E-W, N10E e N50W. É observado uma possível movimentação normal entre blocos separados pela direção N50W, que é paralela a direção do rio São Desidério. Conclui-se que esse método de interpretação dos lineamentos de drenagens se provou muito eficiente quanto a identificação das estruturas, através do controle que estas exercem sobre a rede de drenagem, tendo em vista a confirmação das direções do diagrama de rosetas com as medidas coletadas em campo.

PALAVRAS CHAVE: CONTROLE TECTÔNICO, ASTER, BACIA DO SÃO FRANCISCO.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



MAPEAMENTO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO NA REGIÃO DE BAIXIO, LITORAL NORTE DA BAHIA

Leonel Barros Galvão¹; Laís César Sacramento¹; Pedro Ricardo Cordeiro¹; Hernan Sales Barreiro¹; Flávio José Sampaio²; Henrique César Pereira Assumpção¹; Hailton Mello da Silva¹; Ricardo Pereira Fraga Galeno¹

1UFBA - Universidade Federal da Bahia

A área de estudo localiza-se na região de Baixo, faixa litorânea do município de Esplanada, Bahia, onde afloram depósitos sedimentares areno-argilo-cascalhosos relacionados a dinâmica costeira neógena e quaternária, além de núcleos do embasamento gnaissico-migmatítico paleoproterozoico. Geomorfologicamente, são identificadas as unidades dos Tabuleiros Costeiros e Planícies Marinhas. Os objetivos deste trabalho são: (1) individualizar as unidades geológicas e geomorfológicas; (2) caracterizar a sedimentologia e estratigrafia das unidades sedimentares mapeadas; e (3) correlacionar as condicionantes geológicas e climáticas às formas de relevo resultantes. O mapeamento geológico-geomorfológico foi feito na escala 1:25.000, atentando-se para a análise e a associação faciológica das unidades geológicas e a individualização dos modelados geomorfológicos. No Grupo Barreiras, unidade sedimentar de maior expressão na área de estudo, foram identificadas litofácies cuja associação permitiu reconstituir os sistemas deposicionais fluvial e de leques aluviais. As formas de relevo permitem identificar controle estrutural incipiente, possivelmente decorrente da influência da herança do embasamento gnáissico-migmatítico paleoproterozoico. Associados ao Grupo Barreiras, foram mapeados Depósitos Neógeno-Quaternários relacionados à dinâmica continental e marinha; Depósitos Colúvio-Eluvionares, Leques Aluviais Pleistocênicos, Depósitos Eólicos Pleistocênicos, Terraços Arenosos Pleistocênicos, Depósitos Areno-Argilosos Fluviais, Terraços Arenosos Holocênicos, Depósitos da Faixa de Praia e Depósitos Eólicos Holocênicos. Os Depósitos Colúvio-Eluvionares, os Leques Aluviais Pleistocênicos e o Grupo Barreiras apresentam-se com morfologia de morros e colinas de topos convexos ou aplainados, ambas as formas relacionadas à dissecação homogênea. As demais unidades geológicas se apresentam em formas de relevo associadas a modelados de acumulação decorrentes da ação de ventos, fluvial e marinha.

PALAVRAS CHAVE: *DEPÓSITOS NEÓGENO-QUATERNÁRIOS, GRUPO BARREIRAS, LITOFÁCIES.*



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



ANÁLISE ESTRUTURAL DOS LINEAMENTOS DE DRENAGEM DA FOLHA ANGICAL (SD-23-X-A-I-2-NO), OESTE DA BAHIA

Lorena Soares de Araújo¹; Joane Almeida da Conceição^{1,2}; Elaine do Socorro Farias Martins^{1,3}; Marcelo Lima Pinto³; Vanessa Cristina dos Santos Silva¹

1Geologia/UFOB; 2Pós-Graduação em Geologia/UFBA; 3Pós-Graduação em Geologia/UnB

A área estudada corresponde a Folha Angical (SD-23-X-A-I-2-NO), localizada no município de Angical-Ba, o qual afloram rochas da bacia sedimentar do São Francisco, Grupo Bambuí, Formação Riachão das Neves e Formação Serra da Mamona. Nesta região, assim como em grande parte da porção oeste da Bacia do São Francisco, o reflexo das deformações tectônicas geradas nas orogenias do Proterozoico ainda são pouco estudadas, sendo assim, este trabalho propôs uma análise integrada de informações das estruturas geológicas obtidas com técnicas de geoprocessamento, dados estruturais coletados em campo e levantamentos bibliográficos, objetivando uma interpretação dos controles tectônicos e estruturais sobre a rede de drenagem e relevo da referida área. Foram utilizados dados do sensor ASTER (*Advanced Spaceborne Thermal Emission and Reflection Radiometer*), a extensão *hidrology* do ArcGIS 10.4 e dados estruturais coletados em campo. Os dados referentes a rede de drenagem e as curvas de nível foram extraídos a partir do modelo digital de elevação (MDE) do ASTER, e interpretados, manualmente os lineamentos de drenagem e relevo, em escala 1:25.000. A partir da análise da rede de drenagem verificou-se que na área de ocorrência das rochas da Formação Riachão das Neves predomina o padrão de drenagem dendrítico paralelo. Na área de ocorrência das rochas da Formação Serra da Mamona, ocorre os padrões dendrítico, e mais a norte o padrão pinado. Na área de ocorrência das rochas do Grupo Urucuia, ocorre o padrão dendrítico. Os lineamentos de drenagem foram adicionados no *software* stereonet 9.8.3., o qual foi gerado o diagrama de roseta. Neste verificou-se que as direções de lineamentos mais frequentes são: N10E e N50W. Ao integrar estas informações com medidas estruturais de mergulho das rochas obtidas em campo, foi notável a coincidência da direção N10E com o *strike* das camadas do Grupo Bambuí e a predominância desta direção em quase toda a área de trabalho, com exceção de uma pequena porção na extremidade sul da área, onde passam a predominar direções E-W, podendo estas indicar a presença de alguma estrutura de falha. Com base na análise da rede de drenagem e correlação com os dados estruturais coletados em campo conclui-se que as direções projetadas no diagrama de roseta são eficientes para uma interpretação pré-campo, auxiliando em interpretações dos controles tectônicos com base nas drenagens e relevo da área estudada.

PALAVRAS CHAVE: BACIA DO SÃO FRANCISCO, GRUPO BAMBUÍ, CONTROLE TECTÔNICO.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



INTERPRETAÇÃO ESTRUTURAL DA BORDA SUDESTE DA BACIA DO PARNAÍBA, ENTRE AS CIDADES DE VILA NOVA DO PIAUÍ (PI) E CONCEIÇÃO DO CANINDÉ (PI)

Luanny Bárbara de Medeiros Fernandes¹; Francisco Gabriel Ferreira de Lima²; Emanuel Ferraz Jardim de Sá^{1,2,3}

1PPGG/UFRN; 2LGGP; 3Departamento de Geologia/UFRN

A borda sudeste da Bacia do Parnaíba (BPAR), situada no Estado do Piauí e fronteira com o Estado de Pernambuco, caracteriza-se por uma expressiva orientação NE-SW e um estreitamento da faixa de exposições do Grupo Serra Grande no rumo SW. Na região compreendida entre as cidades de Vila Nova do Piauí (PI) e Conceição do Canindé (PI), a análise de imagens SRTM permitiu a identificação de lineamentos com direção dominante na NE-SW, impressos na faixa aflorante do Grupo Serra Grande, no embasamento cristalino e ao longo do limite entre essas unidades. A interpretação de dados estruturais de campo constatou que, em muitos casos, os fotolineamentos NE cartografados no substrato cristalino representam reativações em baixa temperatura e com a mesma cinemática dextral das faixas miloníticas de alta temperatura precursoras. Estruturas similares são observadas nas bordas de *grabens* molássicos tardi-brasilianos localizados mais a norte, nessa porção oriental da bacia (Jaibaras e Cococi, por exemplo). Nas unidades do Grupo Serra Grande verifica-se pelo menos dois eventos deformacionais. O primeiro, mais expressivo na região, acompanha a direção NE da borda e compõe-se de falhas normais e enxames de diques básicos (correlatos à Suíte Sardinha, eocretácea). Tais estruturas diagnosticam uma distensão NW-SE, característica do rifteamento do Atlântico Sul e reconhecida nos *grabens* das Bacias Interiores do Nordeste do Brasil, que ocorrem mais a leste da BPAR. No setor analisado, a ausência de uma escarpa proeminente em trechos do contato do Grupo Serra Grande com o embasamento, em conjunto a interpretação das estruturas reportadas nesse evento, denotam um abatimento deste grupo em relação ao embasamento pelas falhas normais, de modo similar ao constatado na falha da borda leste do *Graben* Jaibaras. Um segundo evento envolve falhas normais e fraturas de direção NW-SE, que afetam as rochas do Grupo Serra Grande e os diques básicos da Suíte Sardinha. A interpretação dessas estruturas sugere uma distensão NE-SW contudo, a baixa densidade de dados não permitiu uma análise detalhada dessa fase deformacional. Todavia, essa estrutura, mais jovem, seria compatível com a tectônica de abertura da Margem Equatorial.

PALAVRAS CHAVE: BACIA DO PARNAÍBA, GRUPO SERRA GRANDE, ANÁLISE ESTRUTURAL.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



CONTROLES ESTRUTURAIS NA MICROBACIA DO RIO DA BATATEIRA, SUL DO CEARÁ

Lucas Adriano Rodrigues Brito¹; Francisco Wesley da Silva Nojosa¹; Wellington Ferreira da Silva Filho¹

1UFC

Localizada na porção oeste da Bacia Sedimentar do Araripe, a microbacia do Rio da Batateira, parte da sub-bacia do Rio Salgado, demonstra importante valor geológico, geomorfológico, ambiental, cultural e econômico. Portanto, torna-se necessário fomentar os conhecimentos acerca desta microbacia, a fim de fornecer maior sustentação teórica para futuros trabalhos voltados para a sua geoconservação. O Rio da Batateira, principal afluente, tem suas nascentes aflorantes na Formação Barbalha e protegidas pelo Parque Estadual Sítio do Fundão, localizado na zona de escarpa da Chapada do Araripe, há cerca 750m de altura. Morfoestruturalmente, a área em estudo está inserida no Gráben de Crato-Juazeiro, formado durante o rifteamento do Gondwana durante o mesozoico, delimitado pelas falhas de Porteiras e Missão Velhas, normais, tensionais, planares e que obedecem à de orientação NE-SW da trama estrutural do embasamento. A análise dos controles estruturais da microbacia, objetivo principal deste trabalho, foi realizada a partir da fotointerpretação e do tratamento de imagens de satélites parte do projeto SRTM, disponíveis através do site da USGS, utilizando-se os softwares Envi, Global Mapper e Arc Gis. No software Envi, versão 4.8, foi utilizada a ferramenta Hill Shade na qual permite obter a iluminação hipotética de uma superfície, com esta técnica permitiu gerar um modelo de relevo sombreado permitindo uma melhor análise das estruturas. No software Global Mapper, versão 15, foi criado o modelo digital de elevação, permitindo visualizar com boa precisão a diferença das cotas topográficas na região. No software Arc Gis, versão 10.3.1, através da ferramenta hidrology foi gerada uma rede de drenagens primária que serviram de base para a criação de uma nova rede de drenagens criadas manualmente a partir da fotointerpretação da imagem. Após essas etapas foi criado um mapa na escala 1:100.000. Com isso, foi possível constatar que a microbacia do Rio da Batateira possui a mesma orientação NE-SW presente nos lineamentos que delimitam o gráben no qual está inserida em todos seus afluentes, caracterizando-se como uma microbacia cujo controle estrutural é realizado por falhas, caracterizando-a como sendo do tipo retangular. Além disso, quanto à sua gênese, foi possível classificar tanto o Rio da Batateira quanto as drenagens inferiores como obsequentes na região da escarpa e subsequentes na região planar do gráben.

PALAVRAS CHAVE: *CONTROLE ESTRUTURAL, RIO DA BATATEIRA.*



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



CARACTERIZAÇÃO LITOESTRATIGRÁFICA, PETROGRÁFICA E ESTRUTURAL DE ÁREA A SUDESTE DE ASSU, RIO GRANDE DO NORTE

Marcos Vinícius Gomes Jacinto¹; Lavínia da Cruz Barbalho¹; Luiz Henrique Lira de Oliveira¹; Rennan Matheus Fernandes Medeiros¹; Thiago da Cunha Rodrigues¹; Emanuel Ferraz Jardim de Sá²; Fernando César Alves da Silva²; Jaziel Martins Sá²

1UFRN, Curso de Graduação em Geologia; 2UFRN, Departamento de Geologia.

O trabalho elaborado tem como principal objetivo apresentar o mapeamento geológico de superfície de uma área localizada nas proximidades do município de Assu/RN, caracterizando unidades litológicas como o Grupo Seridó e suas respectivas formações Jucurutu e Seridó, além de rochas do Complexo Caicó, Augen Gnaiss (G₂) e Granitoide Brasileiro (G₃). A preparação do trabalho de campo iniciou com a interpretação de fotografias aéreas e imagens de sensores remotos, além de pesquisa bibliográfica, o trabalho de campo, a revisão das fotos e imagens e estudos petrográficos permitiram separar e descrever as unidades litológicas, assim como os principais eventos deformacionais, retratando o arcabouço tectono-estratigráfico da área mapeada. Foi possível separar cinco unidades litológicas distintas, sendo elas: o Complexo Caicó, representado por gnaisses ortoderivados granodioríticos e níveis de anfibolito; Augen Gnaiss (G₂), de composição granítica e variações texturais; a Formação Jucurutu, dominada por paragnaisses podendo conter níveis de micaxistos; a Formação Seridó, exibindo micaxistos aluminosos; e Granitoides Brasileiros (G₃), de composição monzogranítica com fácies distintas (textura fina e textura porfírica). Em relação aos eventos deformacionais, foram observados três eventos principais: o D₁ é retratado nas rochas do Complexo Caicó, sendo responsável pela geração do bandamento gnáissico S₁; o evento D₂ gerou bandamento metamórfico e xistosidade de baixo ângulo, relacionada a dobras apertadas a isoclinais recumbentes, observada no Complexo Caicó, no Augen Gnaiss G₂ e no Grupo Seridó; e, por último, o evento D₃ é evidenciado em todas as unidades por meio de uma foliação S₃ de alto ângulo, associadas a dobras abertas.

PALAVRAS CHAVE: MAPEAMENTO GEOLÓGICO, COMPLEXO CAICÓ, SUÍTE G₂.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



MAPEAMENTO GEOLÓGICO DE DETALHE NA REGIÃO ENTRE OS MUNICÍPIOS DE CAPELA E PEDRINHAS – SERGIPE/BRASIL

Marilene Oliveira de Jesus¹; Fábio Cesar Muniz dos Santos¹; Vivianne Andrade Bastos¹; Illana Rocha Oliveira¹

1UFS

O estado de Sergipe apresenta vasta exposição de rochas. Esta diversidade litológica e estrutural é consequência de alguns eventos tectônicos atuantes na região, onde encontram-se a Faixa de Dobramento Sergipana e parte do Cráton do São Francisco. O Cráton do São Francisco é composto por rochas gnáissicas, migmatíticas e granitóides, que datam do Arqueano ao Paleoproterozoico, cuja organização não segue uma estratigrafia formal. Nesta unidade intrude enxame de diques de rochas vulcânicas datados do Paleoproterozoico. O Grupo Macururé, que faz parte da Faixa de Dobramento Sergipana, é predominantemente marcado por metapelitos com grande variedade de faciologias e esparsas intercalações de metavulcanitos ácidos a intermediários, além de abundantes corpos de granitóides intrusivos tardi a pós-tectônicos. Estas intrusões causam metamorfismo de contato nos metassedimentos encaixantes e modificam estruturas pretéritas. Este trabalho teve como objetivo mapear as diferentes litologias e estruturas que afloram entre os municípios de Pedrinhas e Capela no Estado de Sergipe. O percurso entre os municípios é de 144 km, e entre eles encontra-se a capital do Estado, Aracaju. A metodologia utilizada para tanto foi o mapeamento geológico por caminhamento, que consiste em um eficaz método de palmilhar o terreno em detalhe. O caminhamento é realizado através de uma rota predeterminada de um ponto a outro do mapa topográfico, plotando a geologia que aflora no percurso e extraindo medidas estruturais destas rochas. Nas saídas de campo foram utilizados materiais essenciais como *GPS (Global Position System)*, bússola, mapas topográficos da região, martelo geológico e outros. Nesta ocasião foram estudados afloramentos nos municípios de Arauá, Capela, Nossa Senhora da Glória, Canindé do São Francisco, Tomar do Geru e São Domingos. A partir das observações feitas em campo pode-se notar a presença das intrusões e associa-las aos estágios dos eventos tectônicos. As falhas observadas são transcorrentes com direção NE-SW e controlam a intrusão dos diques básicos, de idade Mesozoica. O metamorfismo presente neste grupo é característico da fácies anfibolito. Todas as atitudes de acamamento, eixo de dobras e planos de falha e direções de diques geraram diagramas de rosetas, que agregam na interpretação geológica dos dados. O mapeamento resultou na confecção do mapa de detalhe da região, na escala de 1:20.000, o qual servirá como base para futuras pesquisas nesta região.

PALAVRAS CHAVE: *MAPEAMENTO, CRÁTON, ESTRUTURAL*



CARTOGRAFIA GEOLÓGICA NA PARTE SUL DO BLOCO GAVIÃO: INFLUÊNCIA DAS DEFORMAÇÕES PALEOPROTEROZOICAS E NEOPROTEROZOICAS

Martins, A. A. M.¹; Cruz Filho, B. E.¹; Pinho, I. A.¹; Wosniak, R.¹; Menezes, R. C. L.¹;
Rodrigues, J.B.².

1CPRM – Serviço Geológico do Brasil. Superintendência Regional de Salvador; 2Serviço Geológico do Brasil. Brasília – SEDE.

A área estudada está inserida na zona de transição entre o Cráton do São Francisco e a Faixa de Dobramentos Araçuaí, no centro-sul do Estado da Bahia. É constituída por: a) terrenos arqueanos polideformados e migmatizados do Complexo Gavião, de composição TTG e idade de 3,4 Ga a 3,2 Ga; b) complexos metavulcanossedimentares do tipo *greenstone belts*, de idades paleo a mesoarqueanas: Brumado, Guajeru, Ibitira-Ubiraçaba, Umburanas e Contendas-Mirante; c) coberturas plataformais do Mesoproterozoico, com litologias da Formação Serra da Gameleira e do Grupo Chapada Diamantina; d) Grupo Una, do Neoproterozoico e e) Formações Superficiais do Cenozoico. No âmbito do projeto Brumado-Condeúba foram delimitados seis domínios estruturais e neles foram identificados os seguintes eventos deformacionais: 1 - Estruturas Dúcteis D_n: cinemática não determinada - Representada pelo bandamento gnáissico; 2 - Estruturas Dúcteis D_t: regime transcorrente; 3 - Estruturas Dúcteis D_c: regime compressional com foliação milonítica preferencialmente com direção meridiana e mergulhos de baixo a alto ângulo, a exemplo das Zonas de Cisalhamento de Iguatemi - ZCI, Brumado-Malhada de Pedras – ZCBMP, Serra do Algodão – ZCSA e Contendas-Mirante - ZCCM; 4 - Estruturas Dúcteis-rúpteis D_{tr}: regime transcorrente destal a reverso destal, a exemplo, a “Zona de Cisalhamento de Cristalândia – ZCCr, Zona de Cisalhamento de Aracatu – ZCA”; e, 4 - Estruturas rúpteis D_r, mais tardias incluindo as deformações brasileiras da faixa Araçuaí. Para este estudo foram utilizados os dados de elemento estruturais coletados neste trabalho e também os dados dos trabalhos anteriores que foram efetuados em escala de trabalho 1/50.000. Dentre os estudos da CPRM houve seis datações U-Pb via LA-ICPMS (*Laser Ablation-Inductively coupled plasma mass spectrometry*), inéditas em sua maioria. Em metandesito do Complexo Brumado através de regressão em uma população de treze dados foi obtida uma reta com intercepto superior e inferior de 2966±34 Ma, interpretada como a idade do derrame. Na Suíte Anagé, com uma reta de regressão de 21 dados forneceu o intercepto superior de 2696±8 Ma, interpretada como idade de cristalização. A Suíte Rio do Paulo, em granodiorito de filiação calcialcalina de alto-K, forneceu zircão de boa qualidade, e sua análise resultou na *Concordia Age* de 2324±6 Ma (MSWD de 1,5), interpretada como a idade de cristalização do corpo. Na Suíte Iguatemi, em granito de filiação alcalina, obteve-se a idade de 2.058±8 Ma. As idades para as Suítes Piripá (1968±35 Ma) e Pé do Morro (1871±180 Ma), foram de má qualidade, pelos zircões que se apresentaram metamórficos, ricos em inclusões e fraturas, cujas características acarretaram resultados imprecisos.

PALAVRAS-CHAVE: BLOCO GAVIÃO, CARTOGRAFIA GEOLÓGICA E ESTRUTURAL, GEOCRONOLOGIA.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



GEOLOGIA, PETROGRAFIA E GEOCRONOLOGIA DE ÁREA COMPREENDIDA ENTRE O BATÓLITO ÁGUAS BELAS-CANINDÉ E A SEQUÊNCIA INHAPI, DOMÍNIO PERNAMBUCO-ALAGOAS, PROVÍNCIA BORBOREMA

*Mirella Coutinho¹; Adejardo Francisco da Silva Filho¹; Elton Dantas²; Richard Armstrong³;
Douglas Farias¹; Ana Luiza Costa¹; Lucilene Santos⁴; Luan Dattoli¹; Cristiano Otero¹*

1UFPE – Departamento De Geologia, Recife-PE; 2Instituto de Geociências – UnB, Brasília;
3ANU – RSES, Canberra, Australia; 4UFC – Departamento De Geologia, Fortaleza-CE.

A área estudada está localizada na Província Borborema, Domínio Pernambuco-Alagoas (DPA), subdomínio Água Branca, extremo oeste do Batólito Águas Belas-Canindé. Foram individualizadas cinco unidades litológicas, cujas relações de campo e dados geocronológicos permitem o esboço da estratigrafia. A Unidade I - Ortognaisse Serrotonho compreende o embasamento do Batólito Águas Belas-Canindé. Esta unidade mostra composição granítica, bandamento composicional, foliação de alto ângulo e metamorfismo em condições de fácies anfibolito. Datação U-Pb em zircão por LA-ICP-MS forneceu idade de 980 Ma. A Unidade II compreende o ortognaisse Maravilha com composição hornblenda, biotita granodioritos, intrudido nos paragneisses da unidade III, mostram foliação de alto ângulo e metamorfismo na fácies anfibolito. Dados U-Pb em zircão por SHRIMP forneceu idade de 650 Ma. A Unidade III constitui um membro da Sequência metassedimentar Inhapi. É constituída de granada, biotita gnaisses com intercalações de rochas calcissilicáticas. A Unidade IV corresponde ao Pluton Poço Salgado constituído de anfibólio biotita sienogranito, intrudido na Unidade I. A unidade V compreende o Pluton Mata Grande, intrudido na Unidade I. No Pluton Mata Grande foram reconhecidos dois fácies petrográficos: 1) muscovita biotita sienogranitos e 2) hornblenda biotita sienogranito. Dados U-Pb em zircão por SHRIMP forneceu idade de 610Ma, interpretada como a idade de cristalização dos granitoides do Pluton Mata Grande. As estruturas que ocorrem na área são descritas através das fases de deformação Dn-1, Dn e Dn+1. A fase Dn-1 está relacionada a uma primeira fase de dobramentos com eixo para NW/W, a fase Dn estar associada a uma segunda fase de dobramentos caracterizada por dobras com eixos mergulhando para NW/N. A fase Dn+1 é correlacionada com as transcorrências, onde são observadas duas zonas de cisalhamento de direção NE-SW. A zona de cisalhamento Croatá limita o ortognaisse Maravilha e corta o ortognaisse Serrotonho. Possui uma cinemática sinistral. A zona de cisalhamento Aguadinha, corta o Pluton Mata Grande, na direção NE-SW, e apresenta uma cinemática sinistral. As duas zonas imprimem nas rochas uma foliação de alto ângulo com trends NW-SE e NE-SW. A fase de deformação rúptil é marcada por falhas destrais e sinistrais e foram observadas nas unidades I, IV e V. Na área foi observado um sistema de fraturas com direções NE-SE, N-S e NW-SE, além de diques preenchidos por material granítico e pegmatítico.

PALAVRAS CHAVE: CARTOGRAFIA GEOLÓGICA, GRANITOS, DOMÍNIO PERNAMBUCO-ALAGOAS.



MAPEAMENTO GEOLÓGICO DO LIMITE LESTE ENTRE O BATÓLITO BUÍQUE -PAULO AFONSO E UNIDADES ADJACENTES, PROXIMIDADES DO MUNICÍPIO DE BUÍQUE-PE: NOVAS CONTRIBUIÇÕES

Nayara Moreira de Mesquita¹; Adejardo Francisco da Silva Filho¹; Valdielly Larisse Silva¹
1UFPE

Caracterização geológica e petrográfica de escala 1:50.000 em área de 200 km² no limite leste do Batólito Buíque Paulo-Afonso, utilizando métodos geofísicos, relações estruturais de campo e descrição detalhada de cada unidade individualizada. Geologicamente, a área está inserida na Província Borborema, Domínio Pernambuco-Alagoas (PEAL), batólito Buíque-Paulo Afonso. O mapeamento de detalhe ao longo dos batólitos é essencial para uma melhor compreensão do contexto evolutivo da Província Borborema. Utilizando os dados aerogeofísicos da CPRM, duas etapas de campo e análises petrográficas detalhadas das amostras coletadas, foi possível individualizar cinco unidades litoestratigráficas. A principal estrutura da área é a zona de cisalhamento Itaíba, que divide a área de estudos em leste e oeste. Na porção nordeste da área, ocorrem ortognaisses migmatizados do Complexo Cachoeira Grande, unidade do embasamento pré-cambriano, que neste trabalho foi subdividido. Esses migmatitos faziam parte de um mesmo complexo e foram posteriormente individualizados de acordo com sua composição no mapa ternário. Essa divisão foi corroborada com dados de campo, onde análises de estruturas migmatíticas permitiram dividir a unidade de alto grau metamórfico em duas: Uma de mais baixa temperatura, onde ainda é possível identificar as estruturas reliquias e outra, de alta temperatura, onde o neossoma domina e o grau de fusão parcial é maior. Intrudidos no Complexo Cachoeira Grande, ocorrem também pequenos corpos sistemáticos, alongados na direção E-W, de composição alcalifeldspato granítica a sienogranítica que parecem ser correlacionáveis com a tectônica D2, uma vez que, quase todas intrusões estão encaixadas segundo a direção E-W e apresentam-se com foliação incipiente de baixo ângulo. A sul desse complexo, limitado por uma zona de cisalhamento compressional, é possível observar sequências imbricadas metavulcanossedimentares migmatizadas do Complexo Vila Amaro. Os diatexitos do Complexo Vila Amaro apresentam características de campo semelhantes aos granitoides sienograníticos que intrudem o Complexo Cachoeira Grande, porém eles não apresentam uma composição diferente no mapa ternário, logo, eles foram interpretados como diatexitos de composição sienogranítica do complexo. O mapa litogeofísico, nesse caso, auxiliou na compreensão e aglutinação de litologias diferentes em um mesmo complexo. A porção oeste da área de estudos é formada pelo Ortognaisse Cafundó, unidade de composição granítica a granodiorítica que representa o embasamento do Plúton Buíque. A suíte intrusiva Buíque além de apresentar foliação nas bordas e ter seu contato com o embasamento de forma imbricada, tem a forma do corpo delimitada pela zona de cisalhamento E-W no mapa geológico de semi-detalhe. O que possivelmente indica que o plúton intruiu em forma de sheets durante o evento tectônico D2. A divisão do plúton com o seu embasamento em campo torna-se difícil, uma vez que, os dois tem composições semelhantes e encontram-se afetados tanto pela tectônica de baixo ângulo quanto pela transcorrência, porém a diferença nos mapas geofísicos facilita o entendimento da área.

PALAVRAS CHAVE: BATÓLITO BUÍQUE-PAULO AFONSO, MAPEAMENTO, PETROGRAFIA.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



CARTOGRAFIA GEOLÓGICA DAS UNIDADES PERMIANAS A JURO-CRETÁCEAS DA BACIA DO PARNAÍBA, NA REGIÃO ENTRE CAROLINA E FORMOSA DA SERRA NEGRA (MA, TO)

Pedro Henrique Moura da Silva¹; Emanuel Ferraz Jardim de Sá²; Fernando César Alves da Silva²; Zorano Sérgio de Souza²

1UFRN; 2DG/PPGG/UFRN

O magmatismo eojurássico da sinéclise do Parnaíba, representado pela Suíte Mosquito, é bem estudado dos pontos de vista petrológico e geoquímico (também geocronológico). Em contraste, a suíte recebeu pouca atenção no que se refere a seus contextos estrutural e de relações estratigráficas. Esse evento magmático é considerado como o mais importante da bacia, avaliado pela influência na geração de hidrocarbonetos. A área de estudo (29.000 km²) está localizada na porção centro-oeste da bacia, concentrando várias ocorrências de corpos magmáticos associados ao evento Mosquito. As estruturas da região foram investigadas através do padrão de lineamentos associados aos corpos de rochas básicas e suas encaixantes, com destaque para as mesetas alongadas na direção E-W/ENE. O estudo estabelece uma evolução no tempo para as estruturas que afetam a Suíte Mosquito, assim como para aquelas observadas unicamente nas suas encaixantes paleozoicas a triássicas. O trabalho, tema do relatório de graduação do presente autor, envolveu a compilação de uma base geocartográfica para a área de estudo, incluindo mapas geológicos pré-existentes (em especial, cartas da CPRM). Foi desenvolvida uma análise de imagens de sensores remotos orbitais, óptico e de radar, envolvendo a aplicação de técnicas de realce, com a produção de mapas de relevo sombreado, modelos digitais de elevação e composições coloridas. A cartografia da área recebeu modificações, baseadas nas assinaturas espectrais identificadas para as unidades litoestratigráficas, bem como no controle topográfico. As macroestruturas foram cartografadas a partir das interpretações de fotolineamentos, e correlações com estruturas mesoscópicas. Já o estudo estratigráfico abordou as principais relações das unidades sedimentares com o magmatismo. A área cartografada previamente como Suíte Mosquito foi restringida, correspondendo em parte à encaixante Formação Sambaíba intrudida por soleiras, que ocorrem com relativa frequência, a julgar pelo efeito termal nas zonas de contato; seções sísmicas confirmam um expressivo volume de soleiras encaixadas nos estratos paleozoicos sotopostos. Os corpos magmáticos aflorantes ainda incluem derrames, confirmados pela presença de "sedimentos interderrames" que diferem em termos litológicos/petrográficos (maturidades textural e mineralógica; presença de *chert*) da encaixante Formação Sambaíba e da capeadora Formação Corda, a última contendo seixos de basaltos e diabásios. A cartografia e os dados de campo permitiram caracterizar falhas, a sua cinemática e relações com as unidades acima citadas, sendo também identificadas estruturas que antecedem e sucedem o evento magmático, conforme os marcadores afetados (ou não).

PALAVRAS-CHAVE: ANÁLISE ESTRUTURAL, RELAÇÕES ESTRATIGRÁFICAS, SUÍTE MOSQUITO.



CARACTERIZAÇÃO GEOLÓGICA E ESTRUTURAL PRELIMINAR DO COMPLEXO SANTA ISABEL NA REGIÃO DE RIACHO DE SANTANA

Rodrigo Lacerda Rangel Santos¹; João Paulo Ribeiro e Ribeiro¹; Naiara Pereira Ramalho¹; Raissa Santos Soares¹

1 Universidade Federal da Bahia

O complexo Santa Isabel está localizado na porção sudeste do Cráton do São Francisco e corresponde uma faixa que se estende desde Urandí até o Município de Bom Jesus da Lapa, no Estado da Bahia, com 11 a 25 km de largura e 310 km de comprimento e orientação preferencial N-S. Este complexo compreende rochas migmatíticas, ornaisses e paragnaisses granulíticos, migmatitos granulíticos e a sequência Greenstone Belt de Riacho de Santana. A região de estudo está na Cidade de Riacho de Santana delimitada por um polígono de coordenadas UTM 711420S;8499380N, 311420S;8486990N, 735000S;8499380N e 735000S;8499380N totalizando 300km². Esta caracterização preliminar procedeu-se em três etapas: A fase pré-campo com fotointerpretação a partir de imagens do satélite LandSat 8 e imagens de radar, a fase campo com duração de 20 dias e fase pós campo. Durante a fase campo foram visitados 60 afloramentos e cartografados rochas migmatíticas ortoderivadas intercalados com rochas paraderivadas, rochas metamáficas e metaultramáficas, itabiritos, quartzitos, calcissilicáticas e intrusões sieníticas do Batólito Monsosienítico Guanambi-Urandí. As rochas migmatíticas foram classificadas de acordo com o seu grau de fusão, em metatexitos e diatexitos, e de acordo com suas estruturas. O arcabouço estrutural foi interpretado a partir de 80 medidas em campo que envolvem foliação, zonas de cisalhamento, veios, linha de estiramento mineral e linhas de charneira. A estrutura mais pretérita é uma foliação S_n do tipo bandamento gnaissico marcada por uma intercalação de rochas metassedimentares, enclaves máficos e ultramáficos, tendo paralelamente a este bandamento uma xistosidade marcada por minerais máficos, principalmente a biotita, quartzos e feldspatos. Para esta foliação foi possível identificar dobras intrafoliais, lineação de estiramento mineral, boudins assimétricos e simétricos e estruturas do tipo S/C. Foi possível identificar dois tipos de dobras, a primeira possui caimento com trend E-W e vergência para sul, já a mais nova foi interpretada como um redobramento da anterior e esta possui um trend N/NW-S/SE representados por sinformes e antiformes. A partir dos dados descritos em campo, confecção do mapa na escala de 1:60000 e dados de idades da literatura, foi possível sugerir 5 fases de deformação progressiva com dois episódios de migmatização tendo o primeiro episódio associado ao bandamento gnáissico e posteriormente estas dobras são transpostas por zonas de cisalhamento transpressionais com movimento aparente dextral e sinistral. Na região da cidade de Riacho de Santana compreende rochas migmatíticas tanto paraderivadas como ortoderivadas, sequências do tipo Greenstone Belt e as intrusões múltiplas do Batólito Guanambi-Urandí.

PALAVRAS CHAVE: *ESTRUTURAL, COMPLEXO SANTA ISABEL, MAPEAMENTO GEOLÓGICO.*



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



CARTOGRAFIA E CONTROLE ESTRUTURAL DAS INTRUSÕES TARDIAS DO BATÓLITO MONZOSIENÍTICO GUANAMBI-URANDI

Rodrigo Lacerda Rangel Santos¹; Simone Cerqueira Pereira Cruz¹; Danilo Heitor Caires Tinoco Bisneto Melo¹

¹Universidade Federal da Bahia

O Batólito Monzosienítico Guanambi-Urandi (BMSGU), compreendem as intrusões múltiplas e tardias denominadas de maciços Estreito, Ceraíma e Cara Suja. As intrusões tardias compõem cerca de 10% da área total desse batólito, sendo estes corpos constituídos por monzonitos, sienitos com granitos e rochas máficas subordinadas, tendo sua colocação relacionadas com o desenvolvimento de estruturas do tipo *pull-apart* em zonas transpressionais sinistrais regionais com orientação principal N-S. Neste trabalho é mostrado os resultados da cartografia desses corpos tardios intrusivos do BMSGU, através de dados aerogeofísicos, geoprocessamento de imagens e dados de campo, permitindo a inferência dos principais campos de tensões que possam ter atuados durante sua colocação. Os resultados preliminares mostram que estes corpos intrusivos possuem estrutura sigmoidal compatível com a existência de dois campos de tensão distintos que atuaram durante o Riachão. O maciço Cara Suja que aflora próximo de Riacho de Santana tem área aproximadamente de 220 km² e, considerando os dados de campo e imagens de satélite, este corpo apresenta uma geometria sigmoidal assimétrica em S e está relacionado com os campos de tensão máximo NW-SE e mínimo NE-SW, o maciço Ceraíma tem aproximadamente 128km² e sua geometria é analisada através de dados geofísicos dos radioelementos, dados magnéticos, gravimétricos e imagens de satélite, apresentando uma geometria sigmoidal assimétrica em S com campos de tensão máxima NE-SW e mínima NW-SE, o maciço Estreito possui aproximadamente 270 km² e apresenta dois domínios geofísicos bem marcados, um destes dois domínios apresenta levemente estruturado com geometria sigmoidal em S. Tanto para o maciço Ceraíma, quanto para o maciço Estreito, o mecanismo de colocação esteve possivelmente relacionado com o desenvolvimento de estruturas *pull-apart* em zonas de cisalhamento transpressionais a transcorrentes dextrais.

PALAVRAS CHAVE: CARTOGRAFIA, GEOPROCESSAMENTO, INTRUSÕES.



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



ISOTOPIA U-Pb DAS ROCHAS ARQUEANAS E PALEOPROTEROZOICAS E C-O DAS ROCHAS NEOPROTEROZOICAS DO FURO ESTRATIGRÁFICO DO DEPÓSITO DE FERRO DE SAQUINHO (CRUZETA-RN)

Rogério Cavalcante¹; Vladimir Cruz de Medeiros¹; Alexandre Ranier Dantas¹; Alan Pereira da Costa¹; André Luiz Carneiro da Cunha²; Jaziel Martins Sá³; Joseneusa Brilhante Rodrigues⁴

1CPRM/ SUREG-RE/NANA; 2CPRM/SUREG-RE; 3DG/UFRN; 4CPRM/DF.

Um furo estratigráfico (FD-SE-002) de 440,20 metros de profundidade foi realizado pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM) em 2014 nos arredores da mina de ferro de Saquinho, a aproximadamente 20 km a noroeste da cidade de Cruzeta-RN. Geologicamente encontra-se inserido na porção central do Domínio Rio Piranhas-Seridó (DPS) da Província Borborema. De posse dos dados obtidos deste furo foi possível estabelecer uma melhor relação da estratigrafia da região do DPS. No estudo estão incorporadas informações dos levantamentos de gamaespectrometria, susceptibilidade de magnética, fluorescência de raios-X portátil, petrografia, isotopia de C e O (mármore) e U-Pb (*augen*-gnaisses, rochas metamáficas e *microaugen* gnaisses finos). Este furo de sondagem percorreu rochas do DPS, o que nos levou a um melhor entendimento sobre a Formação Jucurutu e *augen* gnaisses riacianos, assim como constatou a presença de rochas de idade neoarqueanas, até então inexistentes nesta área. A litoestratigrafia do furo foi dividida em três grandes compartimentos principais, a saber: (i) no compartimento superior observou-se do topo para a base a presença de paragneisses/xistos, mármore e formações ferríferas bandadas, rochas essas que foram correlacionadas à Formação Jucurutu do Grupo Seridó. Dados isotópicos de C e O dos mármore deste compartimento com intervalos de $\delta^{13}\text{C}$ (V-PDB) e $\delta^{18}\text{O}$ (V-PDB) respectivamente entre 2.4 a 10.4‰ e -9.7 a -5.3‰, sendo similares aos dados disponíveis na literatura para os representantes da Formação Jucurutu, o que indica uma correlação. (ii) o compartimento intermediário é formado por biotita *augen* gnaisses de composição álcali feldspato granítica a sienogranítica. Datações U-Pb em zircão nesta unidade apontam para valores de $2,233 \pm 29$ Ma, sendo correlacionáveis aos *augen* gnaisses referidos na literatura como de idade riaciana; (iii) o compartimento inferior é formado por gnaisses bandados finos, *microaugen* gnaisses e rochas metamáficas, onde as datações U-Pb em zircão (ICP-MS-LA) revelaram idades de 2.512 Ma e 2.501 Ma, respectivamente para as duas últimas rochas. Estas idades foram consideradas como de cristalização destes litotipos, o que possibilitou reconhecê-los como primeiros representantes do Neoarqueano nesta região. A origem das formações ferríferas pode estar associada à lixiviação principalmente de ferro e magnésio das rochas máficas arqueanas por parte dos fluidos e/ou a presença de *vents* hidrotermais nestas paleobacias. Neste contexto, é possível considerar para a região da mina de Saquinho, que a bacia neoproterozoica do Saquinho (Formação Jucurutu) se instalou sobre um substrato composto por rochas riacianas e neoarqueanas.

PALAVRAS CHAVE: SAQUINHO, FURO ESTRATIGRÁFICO, ISOTOPIA.



MAPEAMENTO GEOLÓGICO E ANÁLISE ESTRUTURAL DA REGIÃO DE BARRA DE POJUCA – CAMAÇARI – LITORAL NORTE DA BAHIA

Samile da Silva Regis¹ Antônio Marcos Santos Pereira²

1Universidade Federal da Bahia; 2Instituto Federal da Bahia.

Ao longo dos anos o Litoral Norte da Bahia vem recebendo mais habitantes e expandindo atividades econômicas, áreas de ocupação e uso da terra, uso dos recursos hídricos e etc. Neste sentido torna-se necessário conhecer as características geológicas da área visando um aproveitamento sustentável dos recursos e uso e ocupação da terra viável, auxiliando na ocupação humana (engenharia, geotecnia, agricultura). Desta forma buscou-se realizar o mapeamento em escala de 1: 25 000 da região de Barra de Pojuca que esta inserida nas proximidades do Rio Pojuca sendo este o limite físico entre os municípios de Mata de São João e Camaçari no Litoral Norte da Bahia, cerca de 69,8 km da cidade de Salvador. A metodologia está subdividida em três fases: pré- campo com elaboração do mapa temático preliminar de geologia através da fotointerpretação de fotos aéreas verticais; campo totalizando quatro dias com 22,5 Km de caminhamento e visitas a quarenta pontos preestabelecidos e pós-campo reunindo informações obtidas em campo e confeccionando o Mapa de Geologia da região de Barra de Pojuca. A área de estudo apresenta nove domínios geológicos mapeados: 1- Embasamento cristalino datado do pré- Cambriano e amplamente dobrado, falhado e fraturado encontrado ao longo de vales e cortes de estradas; 2- Grupo Barreiras do Mioceno predominante na área sendo encontrado no interior à costa com rochas sedimentares variadas indo de Siltitos a Conglomerados e os Depósitos quaternários que compreendem: 3- Depósitos de Leques Aluviais que são inconsolidados e formados por fluxo de detritos; 4- Terraços Marinhos Holocênicos com cota de até 4 metros e 5- Terraços Marinhos Peistocênicos com cota de até 10 metros encontrados paralelos a faixa costeira e compostos por areias quartzosas; 6- Depósitos Flúvio-Lagunares constituído por sedimentos lamíticos (argilo-siltosos) e matéria orgânica; 7- Depósitos Flúvio- marinhos que possui influencia marinha; 8- Aluviões gerados pelo estrangulamento do leito dos rios e 9- Faixa de Praia atual que marca a interface continente - oceano Atlântico. Quanto a estrutural da área, a região esta situada na Bacia Sedimentar do Recôncavo formada em evento coincidente com as Bacias Tucano- Jatobá. A formação dessas bacias corresponde a um rifte abortado sobre rochas pré-cambrianas do Cráton do São Francisco durante a Separação Brasil-África (abertura do oceano Atlântico) no Mesozóico. No início do Proterozóico, ocorreu o “Evento do Paleoproterozóico”, anteriormente denominado “Ciclo Transamazônico”, que correspondeu a uma fase tectônica de colisão. A colisão entre os blocos ocorreu no sentido Noroeste- Sudeste, rotacionando os blocos e dando as rochas uma orientação no sentido norte-sul, além de ter metamorfisado litologias e desenvolvido uma foliação em orto e paragneisses representada por um bandamento gnáissico, o que pode- se perceber na área pela foliação com direção preferencial N003°. Os lineamentos traçados na área apresentaram *trends* NW-SE, NE-SW e E-W com vales retilíneos e encaixados gerando feições em “Z” que delimitam o leito do Rio Pojuca próximo ao estuário com quebras bruscas de direção. Ocorrendo também no interior da área como no Rio Cunhaí propiciando a formação de aluviões devido ao estrangulamento do rio.

PALAVRAS CHAVE: MAPEAMENTO; RIO POJUCA.



CONTROLE TECTÔNICO DO GRUPO BAMBUÍ NA REGIÃO DE BARREIRAS-BA

*Valdir Ferreira da Silva Júnior¹; Marcelo Lima Pinto²; Elainy do Socorro Farias Martins^{1,2};
Joane Almeida da Conceição^{1,3}; Ana Valéria Alves Calmon Almeida¹*

1Geologia/UFOB; 2Pós-graduação/UnB; 3Pós-graduação/UFBA

A área de estudo corresponde a área da carta geológica Barreiras (SD23-X-A-I-1-SO), onde afloram os grupos Bambuí (Formação Serra da Mamona e Formação Riachão das Neves) – Bacia do São Francisco e Urucuia (Formação Posse e Formação Serra das Araras) - Bacia Sanfranciscana. Nesta região, o Grupo Bambuí foi individualizado como domínio pericratônico, com base na intensidade dos processos tectono/metamórficos que afetaram suas referidas formações. A área de estudo, assim com grande parte da porção oeste da Bacia do São Francisco ainda é pouco estudada em relação as deformações tectônicas geradas no Proterozoico, sendo assim, este trabalho objetivou uma análise integrada a partir de dados estruturais coletados em campo, técnicas de geoprocessamento e levantamento bibliográfico, para o estudo do controle tectônicos sobre a rede de drenagem e relevo da referida área. Para isto utilizou-se dados do sensor ASTER (*Advanced Spaceborne Thermal Emission and Reflection Radiometer*), a ferramenta *hydrology* do ArcGIS 10.3 e o Stereonet 9.8.3. A partir do ASTER e *hydrology*, a rede de drenagem e as curvas de nível foram extraídos automaticamente, e, posteriormente, foi feita a extração manual dos lineamentos de drenagem e relevo. Dentre as drenagens extraídas, o Rio Grande, principal afluente da carta, apresenta padrão meandrante. Na área onde afloram as rochas da Formação Riachão das Neves, zona urbana da cidade de Barreiras, as drenagens têm alta interferência antrópica; a porção aflorante da Formação Serra das Araras apresenta um padrão dendrítico paralelo, e o canal principal tem vergência para o Rio Grande. Na Serra do Mimo, onde aflora o Grupo Urucuia, observa-se o padrão sub-radial próximo de um aspecto elíptico, a quebra de relevo acentuada forma escarpas íngremes, com forte escoamento principalmente nas bordas da Serra. Ao se observar os lineamentos, é notório o padrão NE-SW como escoamento preferencial, mas há uma erosão diferencial na porção sul da carta, onde as áreas de maior elevação estão separadas por um canal que concentra todo o escoamento, podendo indicar uma zona de falha ou alteração faciológica. Os lineamentos de drenagem e relevo foram inseridos no Stereonet e foi gerado o diagrama de roseta, neste foi observado referente aos lineamentos da drenagem e do relevo. O diagrama possibilitou verificar que as direções predominantes na área são: N10E, N50E e N50W. A partir dos dados de campo pôde-se concluir que as direções NE estão relacionadas aos acamamentos e a foliações do Grupo Bambuí. E as direções NW estão relacionadas com fraturas regionais nos grupos Bambuí e Urucuia.

PALAVRAS CHAVE: *BACIA DO SÃO FRANCISCO, LINEAMENTOS DE DRENAGEM, GRUPO BAMBUÍ.*



27º Simpósio de
Geologia do Nordeste



ANÁLISE ESTRUTURAL DOS LINEAMENTOS DE DRENAGEM DA FOLHA TABATINGA (SD23-X-A-I-2-NE), OESTE DA BAHIA

Vanessa Cristina dos Santos Silva¹; Joane Almeida da Conceição^{1,2}; Elainy do Socorro Farias Martins^{1,3}; Marcelo Lima Pinto³; Lorena Soares de Araújo¹

1Geologia/UFOB; 2Pós-Graduação em Geologia/UFBA; 3Pós-Graduação em Geologia/UnB

A Área de estudo está inserida na Folha Tabatinga (SD23-X-A-I-2-NE), na região de Angical-BA. Nesta área afloram rochas da bacia sedimentar do São Francisco, Grupo Bambuí: as formações Serra da Mamona e Riachão das Neves e a bacia Sanfranciscana, Grupo Urucuia (indiviso). Nesta porção do oeste da Bahia, assim como em grande parte da porção oeste da bacia do São Francisco, o reflexo das deformações tectônicas geradas nas orogenias do Proterozoico ainda são pouco estudadas, sendo assim, este trabalho propôs uma análise integrada de informações das estruturas geológicas obtidas com técnicas de geoprocessamento, dados estruturais coletados em campo e levantamentos bibliográficos, objetivando uma interpretação dos controles tectônicos e estruturais sobre a rede de drenagem e relevo da referida área. Para tanto, foram utilizados dados do sensor ASTER (*Advanced Spaceborne Thermal Emission and Reflection Radiometer*), a extensão hidrology do ArcGIS 10.4 e dados estruturais coletados em campo. Os dados referentes a rede de drenagem e as curvas de nível foram extraídos automaticamente a partir do modelo digital de elevação do ASTER, e a partir destes foram interpretados, manualmente, os lineamentos de drenagem e relevo, em escala 1:25.000. Com a análise dos padrões de drenagem verificou-se que o padrão retilíneo está associado a área de ocorrência das rochas do Grupo Bambuí e o padrão dendrítico associado a área de ocorrência das rochas do Grupo Urucuia. Os dados de lineamentos de drenagem e relevo foram inseridos no *software* Stereonet 9.8.3, onde foi gerado o diagrama de roseta. Neste diagrama verificou-se que as direções de lineamentos mais frequentes são: N10E, N40E e N50W. Ao integrar as informações geradas pelo *software*, constatou-se a coincidência da direção NE com o *strike* das camadas do Grupo Bambuí e a predominância dessa direção em quase toda área. Com base na análise da rede de drenagem e sua correlação com os dados estruturais conclui-se que as direções NW estão relacionadas com fraturas regionais nos grupos Bambuí e Urucuia. Portanto, verificou-se que a metodologia empregada foi uma ferramenta eficiente para interpretação do controle tectônico da rede de drenagem e relevo na Folha Tabatinga.

PALAVRAS CHAVE: LINEAMENTOS DE DRENAGEM, CONTROLE TECTÔNICO, GRUPO BAMBUI.



MAGMATISMO EDIACARANO-CAMBRIANO DA REGIÃO DAS MINERALIZAÇÕES DE W DE CURRAIS NOVOS (RN), DOMÍNIO RIO PIRANHAS-SERIDÓ

Vladimir Cruz de Medeiros¹; Rogério Cavalcante¹; André Luiz Carneiro Cunha²; Alan Pereira da Costa¹; Jaziel Martins Sá³; Francisco Valdir Silveira¹; Joseneusa Brilhante⁴; Mateus de Araújo Silva⁵; Alexandre Ranier Dantas¹.

1CPRM/SUREG-RE/NANA; 2CPRM/SUREG-RE; 3DG/UFRN; 4CPRM/DF; 5PPGG/UFRN.

Na região das mineralizações de W de Currais Novos (RN) são observadas suítes magmáticas representadas pelo batólito de Acari, corpo de Acauã e diques de pegmatitos tardios, onde a literatura sempre advogou a participação de um magmatismo como um dos possíveis modelos para a geração/remobilização de fluidos de W das minas e garimpos da região, sendo esta a linha de pesquisa/objetivos do presente trabalho. No batólito de Acari são descritas as suítes intrusivas dos tipos Itaporanga (granitos porfíricos cálcio-alcalinos de alto K), São João do Sabugi (dioritos e quartzo monzonitos de afinidade shoshonítica) e Dona Inês (granitos equigranulares cálcio-alcalinos de alto K), além de diques de pegmatitos. Dados geocronológicos disponíveis na literatura indicam que as três suítes são de idade ediacarana (580 a 560 Ma), enquanto que os diques pegmatíticos seriam cambrianos (530 a 510 Ma). No batólito de Acari idades concórdias (U-Pb em zircão) são referidas na literatura de $577 \pm 4,5$ Ma para suíte porfírica e de 572 ± 5 Ma para os leucogranitos equigranulares, enquanto que uma idade (Re-Os) de 555 ± 2 Ma é referida para molibdenitas, as quais seriam contemporâneas à mineralização de scheelita da mina de Brejuí (Currais Novos/RN). Relações de campo indicam uma contemporaneidade entre as suítes Itaporanga e São João do Sabugi, apesar de também serem admitidos/observados pulsos distintos. Estes são cortados por diques da Suíte Dona Inês, e em vários locais ocorrem diques de pegmatitos intrusivos nas três suítes referidas. No intuito de verificar o magmatismo mais próximo (espacial e cronologicamente) com possível correlação com as mineralizações de W da região estudada e considerando as relações de campo, foram efetuadas datações geocronológicas (U-Pb em zircão) no corpo da serra de Acauã (Currais Novos/RN) e no dique granítico observado no furo estratigráfico de Riacho Fechado (Currais Novos/RN) realizado pela CPRM - Serviço Geológico do Brasil. O corpo da serra de Acauã é constituído por monzogranitos com biotita, esbranquiçados, hololeucocráticos, correlacionáveis à Suíte Dona Inês, e intrusivo em micaxistos (por vezes granadífero) da Formação Seridó. Neste granitoide foi obtida uma idade concórdia (U-Pb em zircão) de $576,8 \pm 3$ Ma (MSWD=0,12) na fácies inequigranular, considerada como a idade de cristalização da mesma. O dique granítico do furo estratigráfico de Riacho Fechado ocorre na profundidade de 167,25 a 171,78 m, sendo constituído por um hololeucogranitoide com biotita, equigranular e esbranquiçado, também intrusivo em biotita xistos da Formação Seridó. Neste corpo foi obtida uma idade concórdia (U-Pb em zircão) de 561 ± 4 Ma (MSWD=0,1). Neste contexto é plausível a hipótese de contemporaneidade entre o corpo datado de Riacho Fechado e as molibdenitas da mina de Brejuí, sugerindo que este tipo litológico (granitoides K-cálcioalcalinos correlacionados à Suíte Dona Inês) possa ter funcionado como uma fonte de fluidos magmáticos, constituindo uma solução hidrotermal de alta temperatura e salinidade, responsável pelo transporte e precipitação das mineralizações de W e Mo da região.

PALAVRAS CHAVE: MAGMATISMO, CURRAIS NOVOS, MINERALIZAÇÃO.